

*Numa e Ninfa e Clara dos Anjos* e alguns contos são fundamentais para quem se meta a conhecer literatura brasileira —, nos embasbacamos. E uma pergunta nos vem, antes de outras. Mas que diabo, que bruzundanga; será possível que este País, em essência, não mudou um milímetro nos últimos cinquenta e quatro anos?

Frente à dignidade de sua obra e vida, ambas pingentes, não se sabe que reverência não lhe será mingüada, que homenagem não lhe será pobre e insuficiente. Sobre Lima, hoje atual e esquecido, distante dos nossos cursos de letras e de nossas escolas de comunicação, tenho ouvido algumas coisas significativas. Uma delas, de que não me esqueço, foram as palavras de um editor: “eu daria um braço para editar as obras de Lima Barreto”.

Mas o esquecimento a que está atirada sua produção, me cansa. Do calvário e porres desse grande pingente suburbano, urbano, brasileiro e universal é possível extrair tanta coisa, que encabulo. Só é possível dizer que as mais jovens gerações brasileiras estão perdendo muito por não conhecerem o criador de homens que sabiam javanês, de gentes que refletiam — sem posições — um Rio suburbano ainda agora, como naquele tempo, esquecido; de uma arraia-miúda carioca de que talvez nunca mais se tenha tido notícia — com tal vigor, coerência, paixão e humanismo — na literatura deste País.

De Afonso Henriques de Lima Barreto está tudo aí, vivo, pulando, nas ruas, se mexendo, incrivelmente sem solução, cinquenta e quatro anos depois de sua morte. Da forma descarnada, crua, tupiniquim com que o mulato flagrou esta vida carioca, brasileira, sul-americana.

O espaço é pouco, num momento assim brasileiro, para conferir as façanhas de talento, raça, combate, entrosamento, pioneirismo. Sua obra até hoje é uma porrada, seca e rente, na nossa apatia, malemolência, calhordice, omissão, indiferença, farisaísmo, relapsia e macaqueação dos modelos estrangeiros. Qualidades igualmente pingentes.

Uma simples relação dos títulos de seus livros é forte para nos mexer a abulia, o mesmismo, a acomodação e, falando claro, a falta de vergonha na cara: *O Cemitério dos Vivos*, *Marginália*, *Bruzundangas*, *Bagatelas*, *Feiras e Maçuás*, *Recor-*

*dações do Escrivão Isaías Caminha, Clara dos Anjos, O Triste Fim de Policarpo Quaresma, Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá, Vida Urbana...*

O homem era desconcertante, um desses instantes raros. Entendam. Já pelos primeiros vinte anos deste século, Lima escrevia sobre coisas como: a necessidade de se levantar uma verdadeira História da Escravidão Negra no Brasil; os entalados estados de sítio brasileiros; a falta de grandeza, de solenidade e de misticismo (tão da nossa paisagem brasileira) da nossa arquitetura urbana; os nossos gurus e sabichões, a quem dava o nome de joões das regras; os nossos grandes impostores e picaretas que em sua obra chegaram a Secretários de Estado e até Ministros; o absurdo da nossa cultura à francesa, a nossa *chinoiserie* que se basta com um fraseado importado e golpes de estilo; a nossa exploração cínica e demagógica dos mais fracos, que lá vivem naquilo que ele chamou de “refúgio dos infelizes”, o eterno subúrbio carioca; a nossa gula, o nosso amor desbragado e a gana pelo dinheiro, e só pelo dinheiro, que ele nos pilhou em *A Nova Califórnia*; os quixotes da terra, como Policarpo Quaresma, que terminaram fuzilados ou morrendo nas cadeias; a nossa furiosa especulação imobiliária, apressada e atamancada, destruindo oceanos, verdes, morros, tudo; o nosso pó de vaidade que se basta com títulos, fardões e medalhadas; os pobres e ingênuos artistas populares, usados, manipulados e que acabam chupando o dedo e sozinhos, como o poeta Leonardo Flores e o modinheiro Ricardo Coração dos Outros; os eternos sonhos mirabolantes dos nossos faraônicos e corruptos homens públicos, como o Ministro Financeiro da Bruzundanga, o Doutor Felixmino Ben Karpitoso, que até do comércio da feitiçaria se valeu para mais depressa encher os bolsos...

Aí, entre outras estocadas, o porquê da obra de Lima estar tão viva e doendo. E tão esquecida.

Exatamente porque continuamos “sem visão da nossa vida, sem vigor de estudos, sem um critério filosófico ou social seguro”. E que ninguém nos peça “um pensamento, um julgamento sobre a nossa vida urbana ou rural”, ninguém nos peça “um entendimento mais perfeito de quaisquer dos tipos de nossa população”. Isto nós não saberemos dar. Porque estamos fos-